

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ: Políticas Linguísticas e de Internacionalização à Luz do Legado de Paulo Freire: Os Inéditos-Viáveis no/do/para o Sul Global – Parte 2

Tamara Angélica Brudna da Rosa¹
Kléber Aparecido da Silva²
Fabiana Diniz Kurtz³

A edição de 2025 da Revista Contexto & Educação dá continuidade ao dossiê temático iniciado em 2024, no qual foram publicados quatro artigos que aprofundaram reflexões enraizadas no legado de Paulo Freire e em abordagens críticas comprometidas com a decolonialidade, o Sul Global e o inédito-viável como horizonte ético-político e epistemológico. Os textos agora reunidos ampliam esse debate, articulando práticas de resistência, pedagogias contra-hegemônicas e possibilidades de (re)existência educativa, respondendo à urgência de revermos nossas estruturas curriculares, linguísticas e políticas diante das múltiplas opressões que atravessam a escola, a universidade e os próprios sujeitos do conhecimento.

Em contraposição a abordagens que concebem a educação como neutra ou técnica, os artigos deste número assumem posição política: entendem que a educação é um campo de disputa e que currículos, avaliações, epistemologias e línguas operam como ferramentas de silenciamento ou de libertação. Esta edição reflete o compromisso da Linguística Aplicada Crítica (LAC) em ser insurgente, transgressora e enraizada numa crítica situada, profundamente atravessada por vozes que se inscrevem no Sul como território simbólico, epistêmico e existencial.

Nesse sentido, ecoamos Landulfo e Matos (2022) (re)afirmando que falar de uma epistemologia situada no Sul é evocar a concepção freiriana de educação, quando o termo *sulear* está associado à valorização da identidade nacional-continental-sul, ao espaço e tempo dos estudantes e à leitura crítica do mundo. Sulear a práxis, nesse contexto, é um gesto de denúncia e anúncio, que fortalece uma educação progressista, problematizadora e emancipatória.

Sob essa perspectiva, os artigos reunidos neste dossiê compõem um mosaico de experiências que traduzem a urgência de práticas educativas que não apenas denunciem a opressão, mas anunciem a possibilidade de um novo mundo – possível, necessário e viável.

¹ Instituto Federal Farroupilha – IFFar. Campus Santo Augusto. Santo Augusto/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-3359-3909>

² Universidade de Brasília – UnB. Brasília/DF, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-7815-7767>

³ Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Ijuí/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8946-7480>

O artigo de Garcia, Gussi e Mota Neto (2025), intitulado “‘Suleando’ a política de internacionalização universitária brasileira a partir das contribuições de Paulo Freire para a educação”, propõe uma crítica incisiva às políticas de internacionalização que reproduzem dinâmicas coloniais e hierárquicas. Em contraponto, os autores sugerem uma internacionalização sulear, centrada no diálogo, na solidariedade e na horizontalidade dos saberes – uma contribuição significativa para o campo da educação superior, especialmente diante da intensificação da globalização mercadológica do ensino.

Na mesma perspectiva epistêmica e política, o texto de Rosmann, Colling, Bergamaschi e Zitkoski (2025), “Epistemologias Sul-Sul e bem viver: o inédito-viável em Freire, Krenak e Kusch”, propõe o encontro entre vozes do Sul e cosmologias contra-hegemônicas. Por meio do diálogo entre Freire, Krenak e Kusch, os autores constroem um tecido analítico que confronta o modelo civilizatório dominante, propondo uma nova gramática da existência, centrada na ética do cuidado, na convivência e na pluralidade de mundos. A evocação do inédito-viável, aqui, transcende o campo pedagógico e adentra as esferas filosófica, a política e o existencial. Dessa tríade emerge a defesa de uma educação sulear, insurgente e ancestral, que reconhece os saberes não hegemônicos como fundamentos para um novo projeto civilizatório. Trata-se de um Sul que não é geográfico, mas político, ético e existencial – um Sul que caminha com os pés descalços da esperança, as mãos calejadas da luta e a palavra insurgente dos que se recusam a morrer.

Com abordagem voltada às políticas de ação afirmativa, o artigo de Silva e Vetro-mille-Castro (2025), “Proficiência em língua inglesa de estudantes afirmativos na Pós-Graduação sob a perspectiva do inédito-viável de Freire”, tensiona as exigências linguísticas impostas por Programas de Pós-Graduação. Os autores evidenciam como as práticas avaliativas de proficiência, muitas vezes descontextualizadas das trajetórias dos estudantes, operam como barreiras simbólicas e estruturais. A proposta freiriana do inédito-viável é ressignificada como possibilidade concreta de ruptura com lógicas excludentes, promovendo processos formativos mais justos e dialógicos.

No campo da formação docente e das pedagogias feministas, o trabalho de Dalmaso-Junqueira e Schmidt (2025), “Pedagogia da esperança feminista: aprendizados no ensino de literatura e língua portuguesa”, articula pedagogias de libertação e justiça de gênero, reatualizando a pedagogia da esperança freiriana. As autoras demonstram como é possível construir espaços educativos que desafiem o patriarcado, o racismo e outras formas de dominação, transformando a literatura e o ensino de línguas em territórios de insurgência.

Por outro lado, Santiago e Fernandes (2025), em “A teopedagogia poética do andarilho do diálogo e da esperança chamado Paulo Freire”, adotam uma escrita ensaística e lírica para revisitar a vida e obra do educador pernambucano. Entre o poético e o político, o artigo reafirma a vocação dialógica de Freire, ancorando-se na espiritualidade do encontro e na potência transformadora da palavra compartilhada.

Com foco na formação crítica diante da cultura digital, o artigo de Ribeiro e Frank (2025), “*Hate speech in comments on social media: towards a critical digital citizenship*”, analisa o discurso de ódio nas redes sociais e propõe uma pedagogia crítica da cidadania

digital. Em tempos de desinformação, intolerância e neofascismo digital, os autores propõem que o legado de Freire se expanda para os territórios digitais, promovendo um letramento crítico que ultrapasse a técnica e alcance a ética.

A reflexão de Ritter, Ligorio, Lopes e Torre (2025), “No que consiste um sistema de ensino atrativo para os jovens? Um olhar segundo a dialogia Brasil-Itália”, traz um olhar comparativo internacional, explorando as convergências e divergências nas formas de engajamento juvenil em distintas realidades. A partir do diálogo entre experiências brasileiras e italianas, os autores defendem a centralidade da dialogia – conceito caro a Freire – na formulação de políticas educacionais voltadas à juventude.

Na abordagem teórico-crítica de Oliveira e Figueirêdo (2025), o artigo “Uma breve análise da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e Educação e Luta de Classes de Aníbal Ponce” estabelece um diálogo fecundo entre Freire e o pensamento marxista latino-americano, enfatizando a centralidade da luta de classes na análise educacional. Essa articulação complexifica a leitura política da prática pedagógica e reforça a dimensão anticapitalista do pensamento freiriano.

Por fim, os textos de Hehr e Foerste (2025) e de Alves, Schütz e Wathier (2025), expandem o campo das discussões. O primeiro aborda os cruzamentos entre cultura, língua e educação em contextos multilíngues; o segundo explora o uso de Inteligência Artificial Generativa no ensino de vocabulário em línguas estrangeiras – temáticas ainda pouco exploradas pela crítica freiriana, mas fundamentais no atual cenário educacional.

Reunidos, esses artigos não apenas dialogam com a tradição freiriana, mas a atualizam, expandem, e reencantam. Cada um, à sua maneira, afirma que a educação ainda pode ser uma prática de liberdade, desde que os educadores e educadoras se comprometam com a dignidade do outro e com o sonho teimoso de um mundo mais justo.

Os textos situam-se na intersecção entre a LAC e a pedagogia freiriana, evidenciando que não há espaço para neutralidades ingênuas: toda prática de linguagem é uma prática social, situada e atravessada por relações de poder. O pensamento de Paulo Freire é convocado não como referência distante, mas como base epistêmica viva, que nos impulsiona a compreender o ato de dizer como ato de intervir no mundo. Ao ensinar a ler a palavra e o mundo, Freire convida-nos a desnaturalizar os discursos, tensionar hegemonias e construir sentidos outros – sentidos do Sul.

Como professores-agentes do *esperançar*, portanto, compreendemos que a universidade do agora precisa formar sujeitos capazes de pensar com o coração e agir com a razão. Não há tempo a perder com projetos que não libertem. O inédito-viável não é um devaneio: é urgência. E este dossiê é um convite a *esperançar* – com método, com afeto e com luta.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indagação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris. *Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

